

Isto não implica a minha idéia de casá-la com o Florêncio, pensava Alípio, em cuja imaginação começava a esboçar-se um plano salvador, também não implica... pois que o mal está feito...

Ultimamente, na faina de obsequiar o Florêncio com o fito de “agarrá-lo para Bilinha”, a Benvinda, que era mestra em diplomacia casamenteira, mandava todas as noites farta provisão de bolinhos e dos seus afamados beijos, em cuja preparação punha agora um esmero particular; de maneira que o antigo café simples que vinha à sala em bandeja se transformara em ceia na sala de jantar, onde o Florêncio, o Casimiro, Bilinha e a mãe, agora reabilitada por ter a filha descido ao seu nível, conversavam até tarde da noite. Ouvia-se de dentro o arrastar dos chinelos de D. Maria Lina, o tinar de louças, e, por fim, ela veio anunciar que estava pronta a ceia. E teve um sobressalto encontrando Alípio em vez do outro.

— Ah! doutor, é o senhor?

— Eu mesmo, D. Maria, como tem passado? disse, levantando-se e apertando-lhe cortesmente a mão.

— Bem, obrigada, e o senhor está bom de todo, não é assim?

— Perfeitamente.

— Vê-se logo: não parece que esteve doente; acho-o até mais gordo.

— É verdade.

E, mudando de tom, a velha disse, movendo com a cabeça para o lado do corredor:

— Vamos tomar café?

À mesa, Alípio contou toda a sua moléstia desde o primeiro dia, a viagem, a piora que teve na Varjota, a melhora, a convalescença; falou-se depois do júri desse dia e das coisas da terra, das quais D. Maria Lina estava muito a par, graças à reportagem da Benvinda. Insensivelmente Bilinha interessava-se pela palestra, que era um fraco seu, respondia, completava as informações da velha. Esta, pouco a pouco, foi emudecendo e entrou a abrir disfarçadamente a boca. O sono e a necessidade de fumar a sua cachimbada depois do café obrigaram-na a retirar-se.

— Bem, boa noite, estou muito cansada.

Ergueu-se, foi pelo corredor afora e, com assombro de Bilinha, fechou, por sua conta e risco, as portas da rua.

CAPÍTULO XV

NO DIA SEGUINTE, logo cedo, soube-se que na parede da casa do Chico Herculano amanhecera pintada uma grande cruz negra, tendo

por baixo — *Parce sepultis*. E a inscrição fúnebre traduzia bem a convicção pública de que o domínio efêmero do jovem chefe começava a acabar. Ele mesmo já não tinha ilusões a esse respeito, e, como um capitão que se afunda com o seu navio, esperava, impassível, o fracasso definitivo do seu partido. Dos seus amigos, somente os independentes, fazendeiros ou comerciantes, imitavam a sua conduta. Os que viviam de empregos, ou estavam aterrorizados a esperar o golpe mortal ou trapaceavam, como o Casimiro, sob o pretexto de fidelidade ao generalíssimo. E essa evasiva, com que a princípio iludiam os outros, ia-se tornando uma realidade em suas consciências, onde a farpa do primitivo remorso se delia e não pungia mais. Quem poderia chamar-lhes ingratos? Este labéu não ficaria melhor aos que se revoltavam contra o generalíssimo, que fora afinal — repetiam a todo o instante — quem fizera a República? Era uma questão nacional, com a breca, e não de politicagem de campanário. Se o João Ferreira renegava ao seu monarquismo confesso e corria em apoio ao generalíssimo, tanto melhor: era mais uma força que entrava ao serviço da República.

Casimiro já não fazia mistério de sua atitude, e pela sua esperteza guindara-se à posição de cabeça da dissidência, pondo-se em francas relações com o Mendonça boticário. Já se atrevera mesmo a dirigir um cumprimento ao João Ferreira, sendo retribuído friamente, mas enfim retribuído. Com os dois filhos do antigo chefe eram já quase amistosas as suas relações, e no julgamento do Zé Pipoca tudo envidara para captar a benevolência dos futuros dominadores. Só o que o desesperava era não poder empurrar Alípio para a arena e escudar-se com a sua pessoa. Pedaco d'asno! pois não compreendia esse rapaz que estava enxotando a fortuna a pontapés!

Pela manhã foi vê-lo de novo para tentar uma vez ainda removê-lo do seu propósito de abandonar o campo em momento tão propício. O diabo do homem andava eternamente a tropeçar em rabos de saia! Primeiro, fizera a asneira de desgraçar a professora; agora, estava comprometido com esse casamento sem futuro. Queria-se fazer de muito fino e não passava de um pichote em namoro!

Alípio acabava de despertar, quando o escrivão entrou no quarto por ordem do vigário: que atirasse esse preguiçoso da rede abaixo. Como se podia dormir até oito horas, senhor! Ainda entorpecido, mas risonho, espreguiçando-se e esfregando os olhos, o promotor exclamou:

— Bom dia, Casimiro, como vai isso?

— Tudo bem, e melhor iria se...

— Se eu me casasse com uma filha do João Ferreira, com um diploma de deputado de quebra, não é exato?

— Homem, deixe lá estar que não seria uma má idéia, palavra de honra!

— *Abrenuntio!* como diria cá o tio. Umás matutas horrendas com uma educação ignóbil! Demais eu sou noivo, homem de Deus! você ainda não sabe que eu sou noivo?

— Mas é que o senhor podia ter o diploma sem precisar fazer-se domador de uma daquelas ferazinhas.

— *A demain les affaires ennuyéuses.* Prometo-lhe pensar seriamente sobre o caso. Agora falemos de coisas mais amenas. Como se foi com o Florêncio?

— Deu-me um trabalho fazê-lo desistir da seca em casa da professora; arrastei-o quase à força para o sete-e-meio do Lucas, e de lá ele ainda investiu duas vezes para sair; depois ficou um pouco na chuva, e ainda assim ganhou setenta e tantos mil-réis, o bruto! Por sinal que me fez presente de cinqüenta.

— Então você está pago do serviço que me prestou. Mas é de um cômico infinito o Florêncio marchar com os cobres para eu fazer uma visita à namorada dele!

E Alípio sacudia-se todo na rede a rir.

— É verdade, disse, quando pôde falar, que eu também estive trabalhando pela felicidade dele, desbravando a estrada por onde ele tem de penetrar no paraíso sonhado... Creio ter ajeitado as coisas para a possibilidade do enlace. Vou pôr a Benvinda ao fato da situação, e é provável que tudo se arranje para o bem desse coração alanceado de paixão e de dúvida.

— Acho bem difícil esse arranjo; ele está com uma paixão cega pela Bilinha; mas, apesar de ser um pouco estrompa, é muito brioso para certas coisas.

— Mas afinal, Casimiro, que é que você pensa das minhas relações com Bilinha? Que eu... (e aqui disse uma frase torpe), não é assim? Demos que isto seja uma verdade; mas há outra verdade que nem você, nem ninguém aqui conhece.

— Qual é?

— Desde já previno-o de que isto é um segredo só conhecido dela, da mãe e de mim. Guarde-o portanto como se eu o depositasse num túmulo: Bilinha é viúva!

— Viúva?! É brincadeira.

— Ora, estou-lhe falando seriamente. Ela não quer absolutamente que ninguém saiba disso. Conto-lhe a coisa em quatro palavras: casaram-na à força com um sujeito que ela detestava. Ao fim de cinco dias ela o abandonou, fugiu para a casa do padrinho, que a criou; o marido, desesperado, embarcou para o norte, apanhou febres no Pará e, ao chegar a Manaus, morreu. Horroriza-a a lem-

brança desse casamento e é para não contar essa história ao Florêncio, que ela não o anima na sua paixão. Bilinha ficou durante algum tempo com as idéias transtornadas, e é capaz de morrer antes que tocar a alguém nesse assunto. Foi a velha quem me contou tudo. Você compreende que se não fossem essas as circunstâncias. . .

— Nesta é que não pensava eu! exclamou o Casimiro estupefato. Agora o caso muda de figura, acrescentou acomodaticio. Mas como diabo dizer isto ao Florêncio?

— Por sua parte não diga coisa alguma. Vou sondar a Benvinda; as mulheres têm mais jeito para essas coisas. Ela contará o caso ao Florêncio, com a condição de ele não dar a entender coisa alguma à Bilinha, se não estará tudo perdido. Depois de casados, então, que se arranjem. Mas repito: nem uma palavra; isto é um segredo que não me pertence. Brevemente falarei à Benvinda.

E levantando-se para banhar o rosto:

— Que lhe parece o romance?

— Se o fato não existisse seria preciso inventá-lo.

— Pois é a pura verdade. Tenho motivos particulares para acreditar que a velha não mentiu, concluiu Alípio com uma careta maliciosa.

Casimiro desmanchou um cigarro para enrolá-lo de novo, acendeu-o, sentou-se na rede, enquanto Alípio, com um copo d'água numa das mãos e na outra a escova vermelha de pasta inglesa, inquiria:

— E quais são os planos do Florêncio?

— Está por tudo. Primeiro quer casar, depois fará o que Bilinha entender: se ela quiser ficar ele fica, bota casa de negócio ou compra fazenda de criação; se ela não quiser, ele irá para o Recife, para a Fortaleza ou para a China.

Alípio despiu a camisola, vestiu o pijama e, chegando à porta do corredor, gritou à Josefina para aprontar o café. Nisto entrou o vigário, de volta da missa, e os três foram para a sala de jantar. À mesa falaram do júri da véspera. Era a desmoralização do Chico Herculano. Nunca vira tamanho desastre; como deixaram entrar tanta gente ruim no conselho? Os novos bocós foram engabelados pelo Façanha, que era um finório nessas coisas. Quais tinham sido os votos contra? Casimiro informou, e observou que o resultado do júri só podia ser esse. Como condenar o Zé Pipoca, quando os soldados que o espancaram nem sequer tinham sido processados? E o cabra estava aleijado, com uma perna inutilizada para todo o sempre.

— Mas foi você mesmo, Casimiro, com os outros, que aconselharam para não se fazer corpo de delito no cabra; o Chico Herculano ainda relutou bastante.

— Não nego; reconheço que fiz mal; mas o Chico, que tem a responsabilidade das coisas, devia ter resistido, mesmo porque isto que se fez não é de boa política republicana. O senhor sabe que o uso do cachimbo. . .

— Eu imagino esse pobre regímen praticado por estes sertões o que vai dar dentro de pouco tempo, depois que esta gente nova for varrida e as raposas velhas da monarquia tomarem conta do terreiro! observou Alípio. O que nós precisávamos era de um ditador inteligente por dez anos. Qual Congresso, qual Constituição, qual nada! Isto já não é república; só o foi nos primeiros meses do governo provisório. Vamos ter uma monarquia sem monarca. Já a chamada do meu amigo Lucena é significativa. Enfim, quem puder que se arranje e quem for tolo que morra triste.

— Apoiado! bradou o Casimiro: isso é que é falar.

O vigário ainda abriu a boca para rebater essas opiniões; mas conteve-se. E dando outro rumo à conversação:

— Viste o compadre esta noite?

— Não.

— Ele veio aqui à noitinha e saiu à tua procura. Não estiveste no júri?

— Estive à porta por algum tempo, mas aquilo estava tão cheio e tão quente que não tive coragem de entrar.

— Pensei que tinhas ido ver a comadre. . .

— Não, disse Alípio, percebendo o lembrete; vou lá hoje, depois do almoço.

Mas ouviu-se a voz do Asclepiades na sala nesse momento.

— Entre, compadre! bradou-lhe o vigário.

O pai de Florzinha fizera propósito de entrar com cara alegre, e esta premeditação indicava que ele não estava efetivamente alegre. Alípio chegara a Ipuçaba e passara o dia anterior sem ir à sua casa, onde D. Claudina o esperava como futura sogra que o era. Estivera talvez em casa da desavergonhada! Ele não quisera tirar isso a limpo para não perder a tênue consolação que sempre nos traz a dúvida; demais, a presença do Florêncio, com a sua paixão providencial, tranqüilizava-o a respeito das conseqüências dessa visita. Em todo o caso, havia descortesia e ingratidão na falta de Alípio, e ele não pôde disfarçar de todo o ressentimento. Alípio percebeu-o, e subitamente se sentiu tomado de um tédio profundo, quase de aversão contra aquela figura chupada, insignificante, com seu eterno fraque castanho, o colarinho de pontas sempre sujas, o bigode a despenhar-se sobre a boca funda, grisalho e sarrento do cigarro. E ridículo com a sua mania de casar a filha com um pracião, desde-

nhoso que era para com os matutos depois que corraera terras e estivera no Rio de Janeiro.

Mas depois Alípio lembrou-se da sua moléstia, dos cuidados, interessados embora, com que fora tratado por ele. Afinal era pai: tinha orgulho da filha e entendia dar-lhe um marido que a elevasse, que a estimasse e aperfeiçoasse os seus dotes e os seus encantos. E nessa obstinação de casá-lo com a filha havia uma prova de admiração de Asclepiades por sua pessoa, de confiança no seu futuro. O primeiro movimento de antipatia transformou-se em compaixão, depois num vago enternecimento em que flutuou a imagem graciosa e pura de Florzinha.

E apressou-se em desculpar-se:

— Ia esta noite visitar D. Claudina; mas passei pelo júri, e prosa aqui prosa acolá, quando cuidei em mim já eram nove horas. Receei incomodá-los indo a essa hora.

— Pois nós o esperamos até nove e meia, retorquiu Asclepiades já risonho, desvanecido com a explicação.

— Hoje irei lá pedir desculpas à *madame* e temos a noite inteira para conversar.

— Lá a velha está muito saudosa da filha.

— E a idéia do nosso passeio à Varjota está de pé?

— Que dúvida! Vai ser uma festinha de papoco: aluá, fogueira, fogos, ceata e dança. Levamos daqui três músicos. Luizinha já expediu convites a todos os vizinhos. O nosso Matias anda de porta em porta chamando gente para o forrobodó.

Quando todos iam se retirando, Alípio disse:

— Oh, Casimiro, faça-me um favor: passe pela casa da Benvinda e diga ao Venâncio para vir cá sem demora cortar-me o cabelo; estou com uma gaforia de mês e meio.

E para Asclepiades:

— Quando houver portador para a Varjota, mande-o cá que eu quero escrever aos amigos de lá.

Asclepiades saiu radiante, pensando em inventar um portador nessa mesma tarde ou logo no dia seguinte.

Veio o Venâncio e serviu laboriosamente a Alípio, suando, oferecendo, tomando posições inéditas para a vítima e fatigando-a com a exigência de manobras complicadas do pescoço. Estava-se vendo que era um cabelo cortado a capricho, por simples vaidade do artista, que nada quis receber pela sua obra. Dissesse à Benvinda, recomendou Alípio, que ia fazer-lhe uma visita à uma hora em ponto. Guardasse-lhe café e umas tapioquinhas de coco.

Contemplando-se ao espelho para verificar que diabo lhe teria feito o Venâncio na cabeça, o rapaz entrou a refletir no desconforto e

no atraso industrial dessas aglomerações sertanejas, enfeitadas com o pomposo nome de cidades. Ora, ali estava Ipuçaba com três a quatro mil habitantes sem uma barbearia; havia apenas o Venâncio e mais um ou dois sujeitos que tinham navalhas e tesouras e atendiam a chamados quando lhes faltava outra coisa que fazer. E nem um hotel, nem um bilhar, nem um clube familiar, nem um café, nem um jornal! Pelo lado industrial era a mesma coisa: não se fabricavam em Ipuçaba sequer as vassouras com que se varriam as casas. As únicas fábricas conhecidas no município eram dois alambiques que ministravam o suprimento necessário ao alcoolismo inálgica. A indústria têxtil era representada por algumas pobres famílias do Açude, que trabalhavam em redes e rendas. No mais, havia um cabra velho que, único na terra, possuía o importante segredo de trançar cipós para fazer cestos e caçuás, e, como não tinha aprendizes, morto ele e acabados pelo uso os produtos deixados, uma crise ocorreria fatalmente para a população ipuçabense, que tão mal recompensava o mérito do Chico Balaio.

Almoçando, Alípio continuava a pensar, malgrado seu, naquelas coisas, e o aspecto da rua, coberta de mato, esburacada, infestada de porcos que remexiam em montes de lixo, os quintais imundos, as vendas miseráveis, fizeram-lhe mais uma vez sentir a inaptidão dos brasileiros para a higiene, para o conforto, para a elegância, enfim, para a conformação com as exigências imperiosas da vida urbana. Neste ponto, Recife não era superior a Ipuçaba. A administração municipal consistia em cobrar impostos para pagar os empregados.

À vista de um matuto que ia passando a cavalo — lavrador ou criador, ou as duas coisas juntas, como era mais comum — o pracião pensou: eis ali quem paga o pato, eis ali a árvore viçosa de cuja seiva vivem os parasitas da burocracia e do comércio. É à custa deste e dos seus companheiros de classe que comem os quatro mil habitantes de Ipuçaba, tanto o vendeiro que se embosca por trás da armadilha do seu balcão, como eu e outros que nos curvamos sobre a banca... para não fazermos nada. Este pobre-diabo trabalha da manhã à noite, labora o solo com as suas próprias mãos para sustentar, por exemplo, a ociosidade pretensiosa e inútil do juiz de direito, para pagar impostos a uma edilidade que, em troca, não lhe presta o menor serviço. Mas isso era uma espoliação, um roubo!

Nunca pudera compreender de que vivia essa gente pobre de Ipuçaba, os que não tinham emprego público, nem venda. As mocinhas passavam os dias à janela, empoadas, penteadas, fazendo croché e namorando; os rapazes viviam a fumar cigarros e a dar a língua junto aos balcões sobre política e assuntos da vida privada.

E ébrios habituais a vagar por todas as ruas e mendigos profissionais a importunar os transeuntes a cada passo. Ipuçaba era uma ruína povoada de gente triste, vencida de desalento e de preguiça, inçada de maldade, acabrunhada de ignorância. E sobre que terra prodigiosa de fertilidade agonizavam essas criaturas acobardadas, sem coragem de deixar os seus casebres para ir ali adiante arrotear um pedaço de terra e criar umas cabras e umas vacas! Lá a gente do campo trabalhava e produzia.

— “Estou hoje com a veneta de moralista”, observava Alípio a si mesmo enquanto se deixava absorto de rua afora sem destino certo.

Logo adiante deu de cara com um sujeito vermelho, cara raspada, vestido de brim branco, chapéu-de-chile, desabado, sem fita, perneiras de couro amarelo: era um moço americano, comprador de peles de cabra. E Alípio sentiu o forte contraste daquela atividade enérgica e vencedora com a moleza enervada de um rapaz da terra, que, em mangas de camisa, derreado de uma janela olhava basbaque o estrangeiro a mover-se direito e rápido na faina do seu negócio.

Alípio não tinha a vaidade mandarinesca da sua carreira de letrado, como a maior parte dos seus colegas, que olhavam com desdém para todos os homens alheios “ao culto de Têmis”, especialmente os militares, os “bárbaros representantes da força bruta”, na frase conhecida de um lente, que fizera de Bismarck a sua *bête noire* e o injuriava quase diariamente na aula por causa do seu famoso conceito de guerreiro “a força prima o direito”. “Só Têmis é grande e Tobias é seu profeta”, repetiam os outros na Faculdade; ele o dissera também, mas sem convicção, sem o entusiasmo sectário que aos outros infundia a “função sublime do Direito”. Chamaram-lhe de paradoxal quando na roda do Café Ruy tentava demonstrar como num país novo como o Brasil o Direito era uma coisa anacrônica por antecipação, prematura e até nociva à expansão das energias morais e industriais do povo. Para começar a obra estupefa da civilização americana os ianques não tinham precisado do direito, como ainda não precisam, para liquidar certas questões em que Lynch é o único autor seguido. E a vida bárbara e terrível que levam os *cowboys* no End-West? Mais indústria, mais arte, mais educação física e menos Direito, meus senhores! bradava ele concluindo, no meio dos protestos e dos doestos dos colegas escandalizados. De que serve todo esse Direito de encenação e de teoria numa terra onde, a começar pelos próprios magistrados, todos estão sempre inclinados para a violência e para a injustiça? Como há de um povo respeitar códigos que não sabe ler?

Recordando essa e outras assembléias tempestuosas no “Ruy”, Alípio passou pela porta do juiz de direito e viu-o na varanda do

lado, todo de preto, a tratar das suas gaiolas de pássaros com a mesma gravidade com que presidia as sessões do júri: “meritíssima besta!” murmurou, enquanto lhe tirava amavelmente o chapéu. Eis aí, monologava, o representante do Direito — um parlapatão que já esqueceu a pouca ciência com que saiu da Faculdade há trinta anos, e nunca mais leu um livro, nem uma revista; um pobre-diabo que se acomoda a todas as situações para atingir a sua suprema aspiração, uma cadeira na Relação da Capital! Perante a economia social não é muito mais útil, muito mais digno de estima o capitão Galdino, que mal sabe ler, e administra sumariamente a justiça a centenas de pessoas que vivem na sua dependência, plantando as suas terras e criando os seus gados? E o João Ferreira, com toda a sua canalhice e perversidade, não é o centro vital de toda a vida comercial do município, fazendo da sua vontade e da sua ganância a lei sob a qual se rege de fato a quase totalidade desta população? A força é que é a grande mestra dos povos, deixemo-nos de histórias!

Novamente deparou-lhe o moço americano, que, em pleno sol, mercadejava com um matuto uma carga de peles de cabra, medindo-as com um metro de mola, revistando-as para ver se não estariam atacadas de polilha. E Alípio, com o seu ócio de letrado, com seu fato de casimira espessa, com o seu chapéu duro e a sua gravata de seda, sentiu-se inútil e frívolo ao pé daquele latagão vermelho, que num dia talvez ganhava o que ele ganhava num mês, proporcionando dinheiro aos campônios e novos lucros aos fabricantes a quem remetia as peles. O seu sibaritismo de mundano egoísta tinha às vezes dessas crises de remorso, e possuía-o então uma aspiração generosa de ser útil, de tornar-se uma força fecunda, criadora, rasgando novos horizontes à atividade dos seus patrícios, elevando-se à benemerência pública por uma ação beneficentemente revolucionária.

Mas o sol aquecia terrivelmente e nem uma fitinha de sombra debruava a casaria dos dois lados da rua. Um pouco adiante viu a cara morena e gorda da Benvinda a conversar alto com uma vizinha de defronte. Só nesse momento ele lembrou-se de como haveria de impingir o seu conto à velhaca confidente do Florêncio. A patranha era um pouco inverossímil, mas para um quarentão apaixonado como o Florêncio pareceria natural e razoável tudo quanto facilitasse a realização dos seus intentos.

A Benvinda recebeu o bacharel com uma afabilidade incontida. Bons olhos o vissem; não era preciso perguntar se já estava bom. Soubera imediatamente da sua chegada, mas não se animara a mandar lá o marido, temendo que o tratassem mal como a tinham tratado quando ela o fora ver a mandado de D. Bilinha. Alípio quis des-

conversar, mas Benvinda estabrou-se, dando largas ao seu ressentimento:

— Aquele alcoviteiro velho ainda há de pagar-me o desaforo! Hei de desabafar o peito dizendo-lhe meia-dúzia de verdades na cara. Tratar-me assim como se eu fosse alguma mulher à-toa! Um pobre-diabo que não tem às vezes dinheiro para pagar as tapiocas que lhe vendo fiado por dois e três meses!

Logo que a Benvinda se acalmou, Alípio falou-lhe do Florêncio. Quando era esse casamento?

— Você ainda pergunta, seu malvado! Você bem sabe que esse casamento é impossível. O pobre homem está doido por ela, mas quando souber ao certo da verdade há de pôr-se ao fresco. E sou eu quem ainda há de dizer-lhe tudo tintim por tintim. Quem quer uma mulher nas condições dela? E agora você casa com a outra, raspa-se, e a coitada fica para aí, como uma coisa sem préstimo para nada. Estes pracionos não têm consciência! Coitada da Bilinha!

Benvinda comoveu-se, e duas lágrimas grossas lhe brotaram no canto dos olhos.

— Mas ouça cá, Benvinda; o diabo não é tão feio como o pintam. Eu sou culpado, realmente, mas não tanto quanto você pensa. Há nessa história um ponto importante que você ignora.

As duas lágrimas caíram, mas não foram seguidas de outras, porque à perspectiva de uma confiança inédita, a curiosidade da mulher dominou logo o seu compassivo enternecimento. Então Alípio propinou-lhe jeitosamente a história do casamento infeliz, da separação e da viuvez de Bilinha. Empolgada de chofre, a Benvinda acreditou tudo naquele momento, e tanto mais facilmente quando, logo que vira Bilinha pela primeira vez, antes da chegada de Alípio, tivera suspeitas instintivas da sua conduta. Mais tarde, com a convivência, essas suspeitas se dissiparam como uma gota d'água que seca sobre uma folha de papel, deixando sempre, contudo, um ponto despolido por onde pode alastrar-se depois a mancha da má fama. Interdita, abalada, estupefata, ela pôde apenas articular por fim:

— Homem, esta agora!

— Você, Benvinda, sabe muito, mas ainda falta aprender algumas coisas.

— Morrendo e aprendendo...

— Já vê que a situação é muito mais fácil de resolver do que você supunha. O que é preciso é que o Florêncio saiba de tudo mas não toque nisso à Bilinha, porque, quando falamos disso, ela fica fora de si, e é capaz de tratá-lo mal e não querer mais vê-lo. Quem me contou o fato foi o médico que tratou dela na Capital. Ela passou bastante tempo sem regular bem.

— Bom, sendo assim, vou dar as dédicas no Florêncio. E o meu doutozinho há de jurar que se portará muito seriamente de agora em diante, do contrário não estou pronta a patrocinar patifarias. O que passou, passou. E quando é a sua viagem?

— Prometi passar o São João na Varjota; depois disso seguirei imediatamente para a Capital.

— E quanto tempo demora?

— Não sei ao certo; vou tratar de colocar-me lá ou no Rio. Em todo o caso, é certo que me demorarei dois meses ou mais.

— Então fica o casamento para esse tempo. O noivo está muito aferventado para casar já e já; mas vou tentando as coisas de maneira que dê tempo a você partir. A sua presença atrapalha tudo. Ele já tem desconfiança de você e seria melhor que não se encontrassem, principalmente em casa dela. Que diabo veio você fazer aqui agora? Não está satisfeito com o que a pobrezinha já sofreu?

— Bom, bom lá vem você outra vez com as suas serrazinas. Vamos com esse café e essa tapioca, disse batendo-lhe familiarmente no ombro e impelindo-a para a sala de jantar.

— Mais amor e menos confiança, seu doutor de uma figa. De vagar com a louça, que não é para os seus beijos.

E a Benvinda, a rir, acompanhada de Alípio, seguiu pelo corredor, bradando para dentro ao Venâncio:

— Meu velho, bote a chaleira no fogo que cá está o doutor.

Silvano estava a consertar uma máquina de costura, num quarto pegado à sala de jantar. Ali trabalhava ele nos seus diferentes ofícios, principalmente no de alfaiate, que era a sua profissão principal, a única de que pagava imposto à Câmara e estava indicada no seu título de eleitor. A Providência dera-lhe em habilidades o que lhe negara em inteligência; mas, por isso mesmo que esta lhe faltava, ele não dava pela sua ausência, e tinha de seus talentos de faz-tudo um grande orgulho concentrado, que é uma forma muito comum da modéstia. Não criava nada: consertava ou copiava. Como o talhe dos fraques de Alípio o houvesse impressionado pela diferença que apresentava com o de sua lavra, ele pediu-lhe um velho, para desmanchar e tirar uns moldes. De maneira que quando ouviu o bacharel falar com a mulher na viagem, disse sem levantar a cabeça do seu trabalho:

— Não se esqueça de deixar-me o fraque.

Veio o café. Alípio fazia grandes elogios à tapioca: desmanchava-se na boca, uma delícia! Benvinda pedia ao seu conviva que lhe contasse a história de sua moléstia depois que seguira para a Varjota, e ele começava a satisfazê-la, quando soaram palavras fortes na sala.

— Vão ver que é o Florêncio, disse a dona da casa com um sobressalto. Se for, trago-o **para cá?**

— Por que não? Nós somos amigos velhos.

Florêncio entrou, já prevenido de que encontraria Alípio na sala de jantar.

— Até as pedras se encontram, quanto mais os amigos! bradou o promotor, avançando de braços abertos para o cavalariano, que não sabia, ao entrar, que cara devia fazer-lhe.

Abraçaram-se, Alípio com alvoroço, Florêncio discretamente, receoso da sua intimidade na situação especial em que se encontrava para com o seu antigo vizinho da rua Nova.

Florêncio não fora feliz com o seu primeiro casamento: a mulher desencaminhara-se com alguns estudantes de uma “república” fronteiriça à sua casa e na qual morava Alípio. Depois fugira de casa para a tal república, ganhando o nome de Mimi da boêmia acadêmica. Mas quando ela adoecera e fora posta pelos estudantes na casa de uma preta velha para tratar-se, Florêncio, num nobre impulso de generosidade, fora em carro buscá-la para o lar abandonado, deu-lhe um tratamento desvelado até à morte, e fez-lhe um enterro luxuoso. Foi esta bela ação que gerou o poema *Florenciada*, a ele dedicado pelo bardo épico de Afogados.

Depois de meia-hora de palestra rompera-se o obstáculo que os separava ainda, e eles conversaram cordialmente como dois bons amigos velhos. Por fim, Alípio despediu-se, convidou-o para jantar e, ao sair, fez um sinal à Benvinda para que nesse dia não lhe tocasse ainda no caso da Bilinha.

CAPÍTULO XVI

À NOITE, Alípio foi visitar D. Claudina. Estava preocupado com a promessa feita à Benvinda: iria ou não à casa de Bilinha? Jurara não ir, mas uma razão mais forte que a sua razão tentava-o a quebrar o juramento. Além da satisfação de um gozo natural e legítimo perante o seu modo de entender a vida, havia nessa infração um protesto contra a atitude que as circunstâncias lhe impunham, coagindo a sua vontade de mover-se e agir com a plena independência, que lhe era tão cara. Hesitava, contudo, e surpreendia-se de hesitar: já não seria o mesmo? Tolhia-o somente a compaixão pela amante ou também o respeito pela noiva? Noiva! Ao passar-lhe esta palavra pela mente, ele via a si mesmo, ubiqua-